Uma tragédia brasileira

Nos últimos 14 anos, o acesso aos serviços de esgotos sanitários no país aumentou apenas 11%, ou seja, cresceu menos de 1% ao ano, enquanto o acesso ao computador, a título de exemplo, cresce 4% ao ano. O dado faz parte de um levantamento realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em parceria com a organização não-governamental (ONG) Trata Brasil, cujas ações se direcionam para a área do saneamento. O estudo revela que o esgotamento sanitário é o serviço público de pior qualidade oferecido aos brasileiros. Comparado com os serviços de coleta de lixo, e fornecimento de água e energia – cujo grau de confiabilidade também deixa muito a desejar –, é o de menor taxa de acesso, mais lento crescimento e de pior qualidade. É nesta condição humilhante que o Brasil viverá em 2008 o Ano Interna-

cional do Saneamento Básico, estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU). Esta é uma das marcas do nosso atraso, uma carência que chega a nos equiparar aos menos desenvolvidos países asiáticos e africanos.

O coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Néri, com verdade e ironia, tem uma boa explicação para tanto: esgoto passa por baixo da terra, sendo pois uma obra invisível, e as principais vítimas da falta deste serviço essencial são as crianças, e estas não votam. De fato, a imensa maioria dos políticos e administradores públicos – como dá o pior exemplo, neste momento, o atual governo federal – trabalha, quando trabalha, apenas de olho na próxima eleição, e não de olho no futuro da nação. A falta de serviços de saneamento básico desfecha uma reação em cadeia cujas consequên-

cias são desastrosas para a sociedade. Quem não tem acesso a este serviço essencial também não dispõe de acesso a serviços de saúde de qualidade. Duplo sofrimento: as pessoas contraem doenças em função da falta de saneamento, e depois não têm como tratá-las adequadamente.

A tragédia do saneamento básico, ou da falta dele, é a causa maior da mortalidade infantil na faixa etária de um a seis anos, como também mostra o levantamento realizado com base em dados da mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) e a Pesquisa de Orçamento Familiar. A chance de uma criança nesta faixa etária morrer pelo fato de que não dispõe de esgoto tratado é 32% maior do que a de uma criança que mora em área com acesso a este serviço. Como se constata, esta é mais uma tragédia brasileira.